

ARTES PLÁSTICAS

José Geraldo VIEIRA

F.S.P. 14. OUT. 60

Exposição dos concretistas:
impressões do primeiro dia

Primeiro, quanto à assistência.

Notava-se afluxo de artistas e de universitários; esses percorriam os desenhos de Judite Lauand como numa aula de trigonometria, diante de objetivações gráficas de teoremas. Segundo, quanto aos assuntos. A conversa girava em redor dos problemas e das soluções que o certame propunha, cada grupo debatendo forma, estilo, conteúdo etc. Ora, geralmente nas exposições os visitantes trançam em vaivém a sala, tapam as telas e as esculturas, discorrem sobre política, intrigas, novidades, cada qual ficando de vir vér depois, isoladamente. Notava-se na Galeria da FOLHA a fragmentação da assistência ao longo dos cinco setores, e o assunto era como que proposto pelos trabalhos aderidos às paredes, pendentes do teto ou repousando sobre os pedestais.

Os expositores, por sua vez, não assumiam atitudes à Mathieu; integravam-se na assistência, sem transportes metafísicos, sem terminologia sectarista, mais artesões da tela, do eucatex, do ferro, do alumínio, do que artistas inabordable das caligrafias simbolistas.

De forma que a exposição concretista, ao invés de parecer um certame ortodoxo e cismático, espécie de música de camera excluindo o publico, se tornou uma integração simultânea e recíproca: do artista com a assistência e desta com os artistas. E, sem duvida, exatamente porque a expressão concreta surgia deveras como objetividade, significando temas, materiais, estruturas, técnicas, táticas e soluções "da" e "para" a vida cotidiana. Não arte para os "happy few", e sim arte concreta, palpável, resistente, sem empirismos de invenção oportunistas, mas resultante de programações propedeuticas, de atividade beavorística.

Pareceu-nos que afinal os visitantes de galerias e museus sintonizaram com a faixa concreta, certos de que não iam assistir a cerimônias litúrgicas e gnomicas, a graduais metafísicos de colloquios antipáticos. Os colloquios, ou melhor, os dialogos que a arte concreta determina, no atual certame, por exemplo, são estéticos e praticos, fenome-

nologicos e vivenciais. Os eruditos e os sensíveis em pintura, sentirão que Cordeiro abriu novas picadas por entre os cubos cromáticos de Delaunay e os protegomenos de Larionov, tomando a si agora aquilo que Sophie Taeuber Arp deixou incompleto. Os plasticos também sensíveis e eruditos, sentirão que Sacilotto e Fejer caminham pelas pistas da materia violentada pelo construtivismo. E assim, por diante.

O que cumpre assinalar, como impressões do primeiro dia, é nem mais nem menos o afluxo de uma assistência universitária, capacitada a entender a já pertinente integração da arte nova com a vida e como fenomeno ontológico e não como esnobismo hedonista. E a já

compreensão das habituais assistências de museus e galerias quanto a uma arte que lhes parecia inabordable e que todavia acabaram averiguando que é arte hodierna, em ritmo com a nossa epoca. Mas não um ritmo de desespero desvairado, porém de claves e pautas. Ora, esse diapasão, assim vibrando certo, criou uma atmosfera de interesse na Galeria de Arte da FOLHA. Não pelos involucros, faturas e singularidades; mas, como bem disse Cordeiro, pela relação. Relação que advem de conteúdos adequados, com extratos semanticos, verdadeira linguagem, que não quer ser esperanto nem esperança, mas que é objetividade e consciencia dentro das conjunturas da epoca.

ROTEIRO DE EXPOSIÇÕES

EM SÃO PAULO:

Galeria de Arte da FOLHA — al. Barão de Limeira, 425: Arte Concreta. Trabalhos de Vaide-mar Cordeiro, Kasmer Fejer, Judite Lauand, Mauricio Nogueira Lima e Luis Sacilotto.

Museu de Arte Moderna de São Paulo — Ibirapuera: Pintura uruguaia; Pintura cubana; Acervo estrangeiro e nacional.

Museu de Arte de São Paulo — rua 7 de Abril, 230, 2.º andar: Acervo. Gravuras de Eugenie Smythe.

Galeria São Luis — rua São Luis, 130: Trabalhos recentes de Maria Leontina.

Galeria Ambiente — rua Martins Fontes, 205: Acervo; Gravuras de Miriam Chiaverini.

Associação dos Amigos do Museu de Arte Moderna — rua 7 de Abril, 230, 1.º andar: Desenhos de Paulo Rossi Osir.

KLM — rua São Luis, 120: Telas de Flavio de Carvalho.

Pró-Arte — rua Sergipe, 271: Telas de Heiz Kuehn.

Galeria Sistina — rua Augusta, 1.971: Telas de Manabu Mabé.

Aliança Francesa — rua General Jardim, 182: Telas de Reinz Wagner.

EM BELÉM CAMPINAS:

Galeria Ar e Mar — rua General Osorio, 1.223: Desenhos de Raul Porto.

EM BELO HORIZONTE:

Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos: Desenhos de Maria Cecilia Manuel-Gismondí.

Museu de Arte, Pampulha: Gravuras de Misabel Pedrosa, Concorrentes ao Premio SESI.

NO RIO:

Museu de Arte Moderna: Acervo; Gravuras francesas contemporaneas; Telas de Teresa Nicolau.

Museu Nacional: 65.º Salão de Belas-Artes.

Galeria Adorno: Telas de Luis Feitosa.

Galeria Barcinski: Telas de Martin Bradley.

Galeria Macunaima: Telas de Silvia Chalreo.